

Esvaziamento de valores

VIOLÊNCIAS sobre crianças e jovens são notícia corrente nos media. É o que é, e sempre foi, agora, logicamente, mais e pior em razão de profunda anemia de que enferma a consciência dos homens vivendo em ambiente poluído, em esvaziamento de valores, pela moral do instante que domina e escraviza as maiorias.

Pena que os media busquem o impacto sensacionalista destas notícias em vez de, discreta mas profunda e perseverantemente como é próprio da função pedagógica que deviam assumir, irem às causas de tais acontecimentos, infelizmente cada vez menos raros.

Digo discretamente, porquanto, se assim não for, as desgraças expostas (às vezes, até, empolando a realidade) revoltam as sensibilidades, mas não mobilizam para o combate aos desvios que as originam ou favorecem, antes provocam o risco de uma aceitação dos factos como normais, dada a tendência generalizada para o equívoco entre a frequência de um acontecimento e a sua normalidade. Aliás, esta tendência revela a fragilidade dos padrões éticos constantemente mais relativizados.

Continua na página 3



O ar gaiato do Wilson

TRIBUNA DE COIMBRA

Somos pela Criança Somos pela Família

JÁ passou o Dia Mundial da Criança. Passou o dia, mas as inúmeras reflexões que ele nos sugere, essas, decerto, não. Todos os dias somos confrontados com notícias e imagens que nos deixam perplexos. Os atropelos de que são vítimas tantas crianças têm a sua raiz na destruição do tecido familiar. As agressões à família são tão frequentes! E, responsáveis, de vários quadrantes. São as políticas de habitação, a influência negativa dos media no que diz respeito à educação e aos valores. A este nível nem sempre se realçam, na notícia, os aspectos mais positivos e construtivos da vida familiar. Pelo contrário, é frequente ver ridicularizado o esforço do casal mais avisado; e a sua ousadia em manter valores, uma decisão torpe. A preocupação narcisista de ler o real em nome da transparência, fixa-se, com frequência, nos aspectos mais mórbidos dos problemas que são, as mais das vezes, felizmente, uma verdadeira excepção. Nivelar por cima. Olhar os casais mais esforçados e construtivos; aqueles que no seu dia-a-dia seguram uma «barra» difícil, quantas vezes em condições de trabalho precário e habitação deploráveis.

A agressão à criança começou pela agressão à família e termina na agressão à sociedade. Que significam tantos comportamentos pré-delinquentes de tantos adolescentes senão o grito de um vazio afectivo insuportável? O mesmo mal na raiz do insucesso escolar. Quantos desenraizados adultos encontram a sua origem na mesma causa: o desequilíbrio familiar.

Nós somos uma família para os filhos privados dela por estas e outras razões complexas. Gostamos de educar os nossos como família. Acreditamos na exigência desse caminho e no sofrimento que esse processo traz. Ficamos muito aflitos quando nos pedem para aceitarmos rapazes com catorze anos e mais. Não é, propriamente, idade de iniciar um

Continua na página 2

Malanje dia-a-dia

1/5/97

SOU solidário quando admiro e respeito a tua cultura; sempre que, sem olhar à raça ou condição social, vejo a tua riqueza interior e tolero as tuas fraquezas; todas as vezes que reparto contigo o meu pão ou aceito o teu e ambos, à beira-rio, mastigamos em silêncio.

Ser solidário não é bem o distribuir riquezas ou dons... Sim, o ir no mesmo caminho como igual.

Até mesmo sem te impor a minha fé — dom de Deus! Pela fé verás no teu irmão as obras e sairá do teu coração o desejo da fé — dom de Deus!

4/5/97

NOS domingos a nossa Casa tem servido para encontros de jovens das paróquias da cidade; reuniões de cristãos empenhados na pastoral; celebrações — na nossa Capela — até mesmo de outras confissões.

Algumas comunidades de Irmãs têm vindo fazer o seu Retiro.

Também grupos no campo de futebol e música dançarina nas lagoas.

E, também, os mergulhos na lagoa grande...

É a porta aberta como em todas as Casas do Gaiato. Um certo risco mas, sempre, um sinal amoroso duma Obra que é de todos nós. De resto, para um grande número dos nossos rapazes é um risco pelos hábitos que contraíram. Casa aberta com toda a nossa roupa suja — mas ensaboada com carinho ao sol e ao tempo. Ele há nódoas que nem o sabão, o sol e o tempo tiram.

São estes os que mais precisam do teu carinho e compreensão.

5/5/97

NAS minhas viagens em avionetas das Organizações onde se cruzam pessoas de todas as nacionalidades — com pena o digo — nunca encontrei um português. Também

não, um único escrito na nossa Língua — que é a de Angola: livros nas bolsas, instruções, até Bíblias e etiquetas nas malas e caixas.

Hoje, alegria!, nas bolsas dos bancos desta avioneta, Bíblias em português e inglês!

Todos estes funcionários das ONGs ganham dólares... Certo, porém, que se nota neles uma clara disposição de servir, direi mesmo: uma certa vocação.

Perderam os portugueses o espírito de serviço?

Padre Telmo



Casa-mãe e Capela de Malanje

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DOENTES — O pai, tuberculoso, poderia ter contaminado a família, mas acudiram a tempo. Um só filho adoeceu do mal que, há muito tempo, foi calamidade no País, durante anos. Era, ainda é, a *doença da fome*.

Nestes casos, o doente precisa de dieta farta, substancial — coadjuvando o tratamento clínico.

A filha do casal que nos alertou para a miséria, apesar de jovem é praticamente a *dona de casa*: — (...) *Ando a estudar, mas sinto cada vez mais necessidade de trabalhar para ajudar os meus pais, q'a minha mãe também é muito doente...*

Nos olhitos afloram umas lagrimazitas que revelam o amor pelos seus mais seus.

— *É q'a minha mãe, pr'a doença que tem, não pode estar sem remédios...*

Fechámos na mãozita um óbolo dos nossos Leitores. Ficou espantada. E recomendámos: — *Govema isso bem!*

Na opinião dos técnicos, os distritos mais afectados pela tuberculose são os de Lisboa, Setúbal, Porto, Leiria e Faro.

A nível nacional há uma média de cinquenta e seis casos declarados por cem mil habitantes.

Para se procurar solucionar ou amenizar este grave problema, não pode haver estruturas inertes, desarticuladas entre si. A comissão que «tem estado a colaborar com a D.G.S. e com o Ministério, empenhada em que se consigam atingir os objectivos que deseja», depois de «um certo descontentamento» vê, já, a situação ultrapassada após dois anos de impasse em que «não foi possível concretizar o seu programa».

PARTILHA — Cheque da assinante 57002, da Senhora da Hora, «*meu pequeno contributo do mês de Maio, infelizmente pouco, mas dado com muita amizade e que poderá acudir a uma necessidade mais urgente*». Ainda agora atendemos um doente crónico, homem muito novo, incapacitado para o trabalho, sem rendimentos ou subsídios ou pensão de reforma que chegue para sobreviver. Situações dramáticas — há outras idênticas pelo País fora — que dificilmente podemos resolver completamente.

Assinante 113, do Porto: «*Costumo celebrar as datas mais significativas enviando uma lembrança às minhas várias devoções. Distribua como entenderem, mas sem esquecer uma parte para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus*». Convém ter sempre a bondade de referir expressamente a nossa Conferência.

Assinante 33205, de Lisboa, seis mil escudos: «*uma migal*

lhinha» — afirma com a amizade de sempre.

A presença habitual da «*Avó dos cinco netinhos*», de Setúbal, «*com todo o carinho e muita amizade*». Retribuímos, na mesma medida.

Outro cheque, da assinante 36718, de Beja, ó Alentejo!, pondo as contas d'O GAIATO em dia e «*o resto para os Pobres. É pouco, mas oferecido com muito carinho e amor*». Levamos a delicadeza d'alma dos Leitores a todos os que sofrem.

Dez mil, da assinante 9708, de Coimbra, «*para ajuda da conta da farmácia, que há-de ser sempre grande. Os medicamentos são caros e muitos deles sem participação. Sei tudo isto por experiência própria*». As facturas periódicas andam perto da centena de contos, sim senhor. Só ontem e hoje ajudámos, em remédios, duas pessoas que sofrem, dez contos para cada uma delas.

O costumado cheque da assinante 14493, do Porto. Mais outro, da assinante 60788, também do Porto, «*para as necessidades mais prementes dos Pobres assistidos pela vossa Conferência. É apenas uma migalha. Mas prometo enviar mais — logo que possível*». Promessa cristã!

Os óbolos serão enviados para Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — *alc do Jornal O GAIATO — 4560 PAÇO DE SOUSA*.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

AMEIXAS — As ameixas estão a amadurecer e a abrir o apetite de alguns rapazes. Por isso, os faltosos andam castigados sem o seu quinhão de fruta.

PADRE JÚLIO — Proporcionou uns dias de férias ao nosso Padre Baptista, responsável pelo Calvário e pela Casa do Gaiato de Beire. Ambos já regressaram aos seus postos de trabalho.

VISITAS — Como está a chegar um tempo mais ameno, recebemos muitas excursões — especialmente do Norte do País.

Agradecemos a gentileza e a amizade dos visitantes.

«Peixinho»

N.R. — Completando esta nota, *Visitas*, vale a pena referir que dias há que em nossa Aldeia, de porta aberta, chegam a juntar-se visitantes de todas as idades, idosos e pequeninos de jardins infantis — com suas monitoras.

Daqueles, já na dita terceira idade, temos hoje a presença dum grupo de Aldoar (Porto), na companhia dos Vicentinos. Trouxeram farnel. E antes de regressarem ao Porto percor-

reram a nossa Aldeia de fio a pavio.

Quase todos os visitantes revelam interesse em saber pormenores da nossa vida comunitária. E da própria vida dos rapazes que os ciceroneiam. Obviamente, são horas muito agradáveis para tudo, para todos.

Crónica do Lar do Porto

Chegamos, enfim, a mais um final de ano lectivo.

Por enquanto, não há certezas; contudo, sabemos que alguns estudantes baixaram os resultados. Esperamos que isso não seja fruto da sua excessiva confiança. Por vezes, vale mais jogar pelo seguro e ser-se humilde, porque «sem humildade nada» — já dizia Pai Américo. E, no entanto, essa é uma realidade sempre presente.

«Todo aquele que é fiel nas coisas menores também o é nas de maior importância.» Tenhamos este pensamento sempre presente para que, chegado o termo de cada ano lectivo, possamos respirar tranquilos ao saber que cumprimos o nosso papel.

Daniel («Cenoura»)

BENGUELA

FUTEBOL — Campeonato do cacimbo: A greve dos professores obrigou-nos a organizar um campeonato, a nível da nova Escola; e a propósito do cacimbo que já começou a apa-

recer pouco a pouco. É o tempo de Inverno, em Angola.

Estão inscritas as seguintes equipas: Juventus, Sagrada Esperança, Bangú, Real F. C. do Cavaco e Botafogo.

Esperamos que tudo corra bem e não faltem os prémios aos vencedores.

OFERTA — Agradecemos os iogurtes que nos trouxeram — e já acabaram.

Lourenço Sapalo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — De tempos a tempos o telefone toca e uma voz pergunta: «Sabe quem sou? Não me diga que já se esqueceu de mim!»

A Teresa nunca se esqueceu de nós e dos amigos que a ajudaram através da Conferência. Mudou da Rua da Bandeirinha para uma casa da Câmara. A vida difícil e desorganizada que tinha, valeu, na altura, a ajuda dos amigos para o leite das gémeas, sempre certinha todos os meses. Quando por lá passávamos, íamos amargurados. Hoje têm a sua vida organizada. Vivem do trabalho. Os filhos estão arrumados.

Mas, desta vez, a voz não tinha a mesma alegria. Esperávamos que nos dissesse o que se passava. Ao fim de alguns rodeios diz secamente: «O meu filho foi preso!» Coração de mãe que conhece o sofrimento, chora pela sorte do filho, da mulher e dos meninos. Ela conhece bem o efeito do álcool e da droga. Não quer a mesma sorte para os filhos.

Louvamos o Senhor por sermos escolhidos a ouvir a

mágoa desta mãe. «Só queria desabafar. Já me sinto melhor.»

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Anónimo, de Joane, dois mil escudos. Anónimo, de Lourosa, com um cheque de vinte e cinco mil escudos «para ajudar a cobrir as despesas dos Pobres da Conferência».

Amiga, de Fiães, três mil escudos «para o meu Pobre». Anónimo, cinco mil escudos.

J.R.D., dois mil escudos. F. Lopes, dois mil escudos. M. Tomé, dois mil escudos. Da assinante 9217, uma «pequena ajuda para os Pobres».

De S. João da Madeira, duzentos mil escudos «para minorar, de algum modo, a aflição da Guida».

Bem hajam pela ajuda que dão aos irmãos mais necessitados.

Conferência de S. Francisco de Assis, Lar do Gaiato, Rua D. João IV n.º 682, 4000 Porto.

Adelaide e Zé Alves

TOJAL

OBRAS — Continuam a transformar a velha padaria num bar novo. Restauram também o recinto da piscina. Esperamos que esteja pronta no Verão, pois andamos ansiosos por dar uns mergulhos.

GADO — Nasceu mais um vitelo. Abatemos dois carneiros e um porco. Têm dado boas e gostosas refeições.

CAFÉ — Estamos a necessitar duma máquina de café para o novo bar. Quem levanta o braço — com generosidade? Antecipadamente gratos.

CAMPO — A batata cresce a bom ritmo. Felizmente, não foi afectada pela geada e, pelo aspecto, teremos batata com fartura — se Deus quiser.

Arnaldo Santos

O Abílio

† Faleceu o Abílio. Há quinze anos revelou-se-lhe a «doença dos pésinhos». Aceitou-a e procurou resignar-se. Os últimos onze meses esteve internado no Centro de Saúde, onde foi sempre bem acolhido por todos. Domingo, de manhãzinha, piorou; levaram-no para os Hospitais de Coimbra e à tarde faleceu.

Veio para nós quando tinha cinco anos, acompanhado do irmão Manuel Cantante, falecido há quatro com a mesma enfermidade que já tinha causado a morte ao pai e a outro irmão. Planos da Providência que não sabemos entender.

O Abílio tinha agora trinta e nove anos. Quis passar o dia do último aniversário em nossa Casa, assim como o de Páscoa. Fomos buscá-lo e levá-lo e procurámos rodeá-lo de festa.

Em todos estes anos sofreu muito. Procurou lutar sem desânimo. Apaixonado pelas máquinas agrícolas, que manobrava com carinho e sabedoria, só as deixou quando foi internado. A nossa quinta era o seu espelho.

Quis, há muito, ter o Terço à cabeceira e recomendou que, o seu, o acompanhasse à sepultura.

Era conhecido e querido em toda a Vila de Miranda do Corvo e arredores, ele e a mota de três rodas em que se deslocava.

À volta do seu caixão juntou-se um grande monte de ramos de flores que alguns Amigos lhe ofereceram e a Eucaristia de Corpo Presente teve ares de festa de ressurreição.

Que Deus o tenha na Sua Paz — que sempre desejou.

Padre Horácio

RETALHOS DE VIDA

«Gaivota»

Sou conhecido por «Gaivota», aqui, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. E o meu nome de baptismo é José Pedro de Jesus Pereira. Nasci em Fornelos a 17/9/85.

A minha mãe deixou-me ao abandono... e a minha avó tomou conta de mim, enquanto pôde.

Mais tarde, mais crédito, fugia de casa... e regressava às duas ou três da madrugada. Andava por lá...!

Gente amiga procurava uma instituição para me receber e os meus padrinhos vieram, entretanto, buscar-me para casa deles. Fui, então, para o Porto. Depois, para Vila Nova de Gaia.

Voltei para a casa da minha mãe e, nessa altura, fui acolhido na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, em 15/10/96. Gosto de estar aqui porque é uma Aldeia muito bonita, aonde poderei preparar o meu futuro, deixando de ser aquilo que fui: um rejeitado.

José Pedro («Gaivota»)



TRIBUNA DE COIMBRA

Continuação da página 1

processo educativo de cariz familiar. Em geral, são rapazes criados permissivamente na primeira e segunda infância por famílias com critérios educati-

vos díspares e que agora, obviamente, ninguém quer.

Somos pela Criança. Somos pela Família. Recordamos o saber magistral de Pai Américo a este respeito: «*Tudo o regresso a Nazaré é progresso social cristão...*». Quando sabemos da progressão do fenómeno «meninos de rua» e das teorias que se engendram para a sua resolução, em geral, bem abonadas de idealismo e meios financeiros, ficamos perplexos com a passagem de mais um Dia Mundial da Criança.

Padre João



Casa do Gaiato de Benguela — copa da cozinha.

BENGUELA

Contrastes

HOJE é domingo. Na Liturgia é a Festa da SS.ma Trindade. Apetece-me falar da família. É que Deus é Família. Feitos à imagem e semelhança de Deus a nossa vocação natural e sobrenatural é para a família. Temos um Pai comum. Todos nós que somos pessoas. Somos todos irmãos uns dos outros. Só pelo facto de sermos homens ou mulheres somos chamados à solidariedade duns para com os outros. Somos um terreno que, de certa maneira, é propriedade dos outros também. O que eu tenho e sou é relativamente meu. Absoluto só o nosso Pai.

A falta de apoio fraterno afasta as pessoas umas das outras. Afasta-as da vida e do Senhor da vida. Há tantos e tantas que não têm culpa da situação de miséria ou de pobreza em que se encontram! São vítimas e não réus. Estes têm direito de clamar pela nossa ajuda. Merecemos o banco dos réus se passarmos indiferentes. Ai os nossos pecados de omissão! Ele há tanta insensibilidade que faz as pessoas frias, umas com as outras. Mas, juntamente com o joio, cresce o trigo que faz o calor da vida; gera fatura que chega para os demais. Somos testemunhas. Somos devedores de gratidão sem medida à multidão anónima e incontável que nos tem ajudado.

Chamamos, com razão, a família que vive fora das paredes da nossa Aldeia, mas bem dentro da Casa que é o coração da Obra da Rua. É assim que se faz família. É assim que se realiza a vocação natural e sobrenatural de toda a pessoa humana.

Ele há tanta gente cheia de boas intenções. Vive, porém, de tal modo agarrada aos seus bens, às suas coisas, que não aceita o convite feito por murmúrios, semelhantes ao ruído das águas que vão saltando por entre as pedras do seu leito, para que reparta, que os outros são irmãos. Ele há ainda tanta gente que só pensa no que perde, quando dá. Por isso, recusa o convite. Não pensa, porém, na alegria e na paz que são verdadeiro tesouro, quando dá por amor. Estas coisas estão escritas no livro da experiência de cada um. E só se entendem experimentando. Quando somos capazes de pôr na mesa o pão para compartilhá-lo? Há tantos e tantos que o fazem. Há, contudo, multidões que o não fazem.

Se me fosse dado escolher, nesta hora, um modo de viver, havia de celebrar a minha vida passando pelos bairros que rodeiam a nossa Casa do Gaiato, de cubata em cubata, anunciando com palavras e obras que todos somos irmãos. Vamos entretanto procurando fazê-lo, um pouquinho de

mais longe, que a vida da Casa nos consome. Não há dúvida de que a miséria e a pobreza extrema que nos rodeia é um desafio a que temos que responder com todas as nossas forças. É o desafio das crianças que nascem e crescem sem nada. É o desafio de pais e mães cuja única riqueza são os filhos. São muitos? Pelo facto de serem muitos não significa estar condenados a ficar sem pão. Tomo a palavra pão no sentido do absolutamente necessário para a vida da pessoa humana. Juntos podemos fazer muito.

Uma preocupação grande acompanha-me nesta reflexão: Há uma minoria de pessoas que vivem na opulência ao lado das que nada têm. Outras têm riquezas, mas não ajudam as que são mais pobres. Contrastes insuportáveis. Como fazer para que todos nos sintamos responsáveis de todos? Havemos de utilizar os meios pobres que possuímos para ajudar a uns e a outros. De repente colhi este pensamento de Pai Américo, a propósito de quem ajuda: «A esmola de pobre a pobres tem um sentido e um rendimento que o mundo desconhece: ela é tirada à boca, mastigada no sacrifício, dada com muita alegria; e o nosso bom Deus que tudo vê, retribui». Quem nos dera ser assim!

Padre Manuel António

Esvaziamento de valores

Continuação da página 1

Por isso digo, também, que profunda devia ser a investigação de fenómenos sociais como estes (da sua essência muitíssimo mais que dos seus acidentes) para melhor se poder extingui-los. E em acção perseverante, proporcionada à mentalização dos consumidores dos media para o estado de alerta que comprometa cada cidadão na defesa activa da sanidade social que a todos e a cada um é conveniente.

O mundo passa por uma grave crise de consciência de que são principais responsáveis os Senhores da Terra; mas as consequências más projectam-se sempre, imediatamente, sobre os mais fracos. Violências sobre crianças; carências sempre mais estremes em

faixas crescentes da população do Planeta; um abismo constantemente mais vincado entre ricos e pobres... — não serão prova desta crise?!

Todos os «...ismos» passaram já suas experiências e nenhum sistema deixou recordações amáveis. O segredo estará no Homem, na austeridade da sua vida a fundamentar a Autoridade que é necessária na vida social. Um problema de consciência, pois!

Quem dera a Comunicação Social tomasse consciência dele!

Padre Carlos

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Maio: 70.500 exemplares.

Impressões da minha viagem a África

ESTIVE em África, Angola e Moçambique, nos meses de Fevereiro e Março de 1968 com o Padre Luiz da Casa do Gaiato de Lisboa, em Fevereiro de 1990 com o Padre Telmo da Casa do Gaiato de Malanje e voltei às duas jovens nações, de 17 de Fevereiro a 17 de Março deste ano, como tenho descrito nas minhas recentes crónicas.

É impossível descrever as comparações impostas ao meu espírito acerca do estado geral dos Povos daqueles países nos diferentes tempos referidos, mas elas estão bem vivas, quer na minha alma quer na alma daqueles Povos que sobreviveram às mutações sempre realizadas em seu nome. Como o rosto desfigurado de Jesus na Sua Paixão pelo sofrimento imposto, assim a alma daquela gente amalgamada durante séculos com a raça lusa, continua idêntica e na expectativa do encon-

tro libertador, sem domínios económicos ou políticos, mas na comunhão fraterna.

A Língua é um elemento preponderante para a comunhão, mas nós gostamos muito de ouvir o Povo a falar a linguagem do seu berço e da sua família natural e a cantar num idioma suave sem *rr* e sem *ãos*. O ritmo, a melodia e a dança africanas nunca se expressaram genuinamente senão na língua indígena. A liturgia dá sempre lugar a este aspecto, o qual integra, também, algumas vezes a animação corporal. A alma e a cultura portuguesa, sem dominar, espelha-se em toda a vida daqueles Povos, desde o urbanismo à agricultura. O modo como os antigos portugueses cultivavam a terra e a técnica usada é ainda a que prevalece hoje nas populações rurais, dando-nos a entender que foram os homens das nossas aldeias que transplantaram

esses processos, assimilados depois pelos africanos.

É sobretudo em Angola que se reflete mais a alma dos portugueses e é também lá que se sentem entre o Povo sofrido e perdido a necessidade do amparo que a nossa gente dava à totalidade da sua vida.

Em qualquer parte se saboreia a alegria que o Povo patenteia com a nossa presença e a saudade do tempo em que os portugueses eram parceiros do seu viver. Que pena que a transição se tenha feito com guerra tão demolidora e onde o Povo foi a vítima, e não se tenham encontrado mais cedo os caminhos da Paz. Ter-se-ia evitado a triste derrota do Povo angolano, moçambicano e português e evitar-se-ia a vitória dos *grandes* que em todo o mundo se apresentam como os salvadores quando, no fundo, são eles sempre os algozes e os beneficiados.

Padre Acílio

Festas

Setúbal

Os mais animados com as nossas Festas são os rapazes. O calor que tanto nos custou a pôr-lhes na alma arrefecida por campanha sem tréguas, começa agora a aquecer-lhes o coração. Os rapazes já vibram com o público e isso faz o verdadeiro espectáculo. A alegria aparece no seu real esplendor e comunica-se facilmente já que ela é o tema da representação.

Pinhal Novo, Barreiro e Montijo encheram as salas ficando nesta cidade muita gente de pé, sentada no chão e cá fora. Em todo o lado o carinho e o apreço foram valores evidentes na ceia que nos ofereceram, com muitas sobras que trouxemos para Casa mais os valores arrecadados.

Padre Acílio

7 de Junho — 21,30 h., Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, AZEITÃO.

9 de Junho — 21,30 h., Sociedade do Grupo Popular Recreativo Cabanense, CABANAS.

14 de Junho — 21,30 h., Incrível Almadense, ALMADA.

21 de Junho — 21,30 h., Sociedade Filarmónica União Seixalense, AMORA-SEIXAL.

28 de Junho — 17 h., Teatro José Lúcio da Silva, LEIRIA.

4 de Julho — 21,30 h., Sala de Espectáculos dos Salesianos, CASCAIS-ESTORIL.

Miranda do Corvo

7 de Junho — 21,30 h., Casino do FUNDÃO. Bilhetes: Casa da Beira.

8 de Junho — 15,30 h., Auditório do Instituto da Juventude, CASTELO BRANCO. Bilhetes: Livraria Multimédia S. Miguel.

15 de Junho — 21,30 h., Salão dos Bombeiros, ANADIA. Bilhetes: Café Anadia.

21 de Junho — 21,30 h., Salão dos Bombeiros, TOMAR.

Tojal

8 de Junho — Domingo — 15,30 h., Cine 359, LOURINHÃ.

10 de Junho — Terça-feira — Feriado — 21 h., Salão dos Bombeiros Voluntários de FANHÕES.

15 de Junho — Domingo — Salão Polivalente de ODIVELAS (junto à Cruz Vermelha).

Património dos Pobres

A vida num bairro da cidade

CERCA de trezentas famílias desalojadas, quase todas do Barredo, formam um bairro da Cidade com cinco torres expressamente construídas e cada qual com treze andares. Foram para ali com promessa de ser provisoriamente, até serem reconstruídas as casas que todos aspiravam e ficaram à espera delas — como idealizou e escreveu Pai Américo:

«Casinhas brancas. Ruas empedradas. As donas de casa ocupadas a estender roupa ao sol, nos seus formosos jardins; tudo ali cheira a sabão.

De onde vem aquela gente toda?! Nada; moravam nos Barredos. Então quê?! Nada; mudaram de

ambiente. Não há tabernas onde cantam mulheres perdidas. Não há lupanares aonde se percam mulheres. O Vício, ali, não é cidadão. Eis. Ajudemos. Defendamos os nosso irmãos. Todas as forças. Todos os corações. Todas as inteligências. Que os Barredos nos façam doer. Somos membros uns dos outros e todos num só corpo. Esta é a doutrina do Evangelho.»

Passados vinte anos muitas daquelas famílias que nesse tempo para ali foram habitar, continuaram a sentir-se enganadas e abandonadas. As torres mais lhes parecem cadeias de porta aberta do que casas de habitação.

Muitas famílias aumentaram com novos filhos que

nasceram ou filhos que casaram e ficaram também ali a viver, ou familiares que se lhes vieram juntar. Há delas que são amontoados de pessoas. As famílias aumentaram, mas a capacidade de habitação ficou na mesma.

Há famílias desfeitas e filhos abandonados, estando alguns em nossas Casas. A prostituição alastra naquela zona. A droga procura dominar, sobretudo os ainda jovens — e consegue fazê-lo: é um campo de drogas.

As pessoas idosas, alojadas nos andares cimeiros, vivem em aflição. Os elevadores, sem protecção lateral, a maior parte do tempo estão avariados e os mais novos fazem ali brincadeiras.

Não confiam na condição das habitações para a vida de boa higiene. Parte das pessoas que ali moram não tinham grandes hábitos de limpeza e, naquele ambiente, não reagem para mudar de vida.

Na mudança, a primeira coisa a considerar pelos responsáveis seria o elemento humano; mas, esse, foi ignorado. Atenderam, sobretudo,

a desalojar as pessoas e colocá-las em qualquer lado. Ficaram arrumadas.

À volta das torres não se vê nada de mãos humanas. Só pedras soltas e ervas daninhas — sinais de abandono. Não há uma flor. Não há uma planta. Não há uma árvore. Não há sinais de limpeza nem de adorno. A única coisa que encontramos ali perto foi uma barraca, com bancos de madeira tosca à volta, onde se servem bicas e se vendem outras coisas. Nos bancos estavam sentados, àquela hora, muitas mulheres em conversa, alguns homens a beber e bastantes crianças a brincar. Eis o resultado da nossa visita.

Informaram que os governantes cedo deram pelo mal daquele bairro e arquitectaram construir casas para aquela gente, sendo as torres aproveitadas para escritórios. É possível que seja a solução. É necessário procurar solução. Aquele lugar não é próprio para pessoas no nosso tempo.



Padre Horácio

Mais parece uma cadeia de portas abertas!

PENSAMENTO

Trago grandes trabalhos escondidos em meu peito; tenho de lançar minhas vistas ao Alto, para detrás das estrelas, não vá sucumbir no caminho e cair desfalecido...

PAI AMÉRICO

Livro «Cantinho dos Rapazes»

BADALAMOS o sino anunciando esta obra saída da pena carismática de Pai Américo para que os interessados no-la peçam — para ler. No caso vertente, o *Cantinho dos Rapazes* — em 2.ª edição.

Curiosamente, referindo-se aos *media*, em nota publicada n'O GAIATO, Pai Américo interrogava-se: — *Naquele tempo, o que não fariam os Apóstolos com todos estes meios...!*

«O Cantinho dos Rapazes não é somente deles, mas também de todos os Leitores — acentua na página 101. Ele interessa todo o mundo. Mundo pensante. Mundo cristão.»

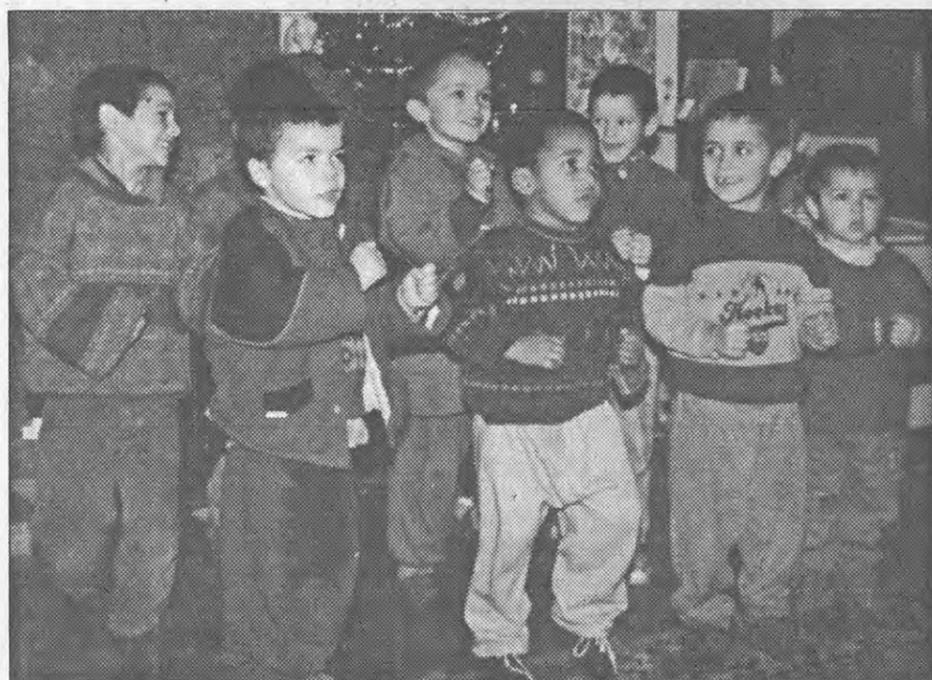
É um pequeno guia para a Família. Diálogo Pais/Filhos, rico de conteúdo. Apenas

192 páginas que se lêem num trago para sublinhar pontos importantes; mas releme-lo com mais proveito quando damos a mão aos filhos, a jovens em formação.

ESTÁ já no prelo o livro *Padre Américo — místico do nosso tempo*. Primeira edição que, porventura, balizará outras, atendendo à multifacetada figura de Pai Américo. «O Espírito sopra onde quer» — disse.

Há mais livros para reeditar: *Isto é a Casa do Gaiato*, 2.º volume — 3.ª edição; *Pão dos Pobres*, 3.º volume — 4.ª edição; *Via-gens* — 3.ª edição.

Júlio Mendes



Os «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Paço de Sousa

DOCTRINA

Quem semeia em abundância, colhe da mesma sorte.

S. Paulo



COMEÇA-SE o relato dos donativos de Julho pelo dia 23, em vista de ser este o mais assinalado de todos quantos o mês tem. Foi na rua da Sofia. Fazia sol. Sinto a mão de alguém tocar-me nos ombros, ao de leve, e ouço o murmúrio do meu nome. Voltei-me. — *Desculpe o envelope; anda aqui há muito tempo, dentro da minha carteira. É o meu primeiro ordenado*. Recalcitrei. Que não; não podia aceitar. — *Fiz um voto!* E sumiu-se da minha vista o Moço que me bateu no ombro.

ERA dia de feira. Mulheres do campo passam com bois à sogá. Outras conduzem outros haveres. Chusmas de homens queimados do tempo, ar feirante, vão apalpar negócios; o nobre povo dos campos, pacífico, paciente e pagante. Abri o envelope: Uma nota de quinhentos escudos, quatro de cem, uma de cinquenta, uma moeda de cinco escudos, quatro ditas de cinquenta centavos e três de dez centavos — tal qual saíra das mãos do pagador, feitos os des-

contos do estilo. Trata-se de um acto premeditado — *«anda aqui há muito tempo, dentro da minha carteira»*; é uma resolução firme, filha de uma vontade forte — *«fiz um voto»*. Tantas coisas que este rapaz de sociedade podia ter comprado com aquela soma; tantas que os rapazes de sociedade precisam! Mas não; *«fiz um voto!»* Oh, quanto não tem a Pátria a esperar de homens assim! Mais. Este Moço dá tudo. Dá o primeiro ordenado todo, primícias do seu suor. A quem?

ELE há homens à frente de obras sociais, que, pelo seu prestígio, pelo seu sangue, pelo seu talento, concitam, na verdade, rasgos de generosidade. Há, sim. Mas, aqui, não. Nem prestígio nem sangue nem saber; um pobre borra-botas a falar só pelos caminhos. De sorte que não é o padrezinho da rua que ele vê, muito embora lhe fale na rua, para dar. Aqui está o ramo, sim, mas o vinho vende-se noutra lugar. Trata-se de uma acto de Bondade pura. Este Moço quer passar a vida a dizer baixinho: — *Senhor, eu amo!* E quer, outrossim, chegar ao fim dela e dizer baixinho: — *Senhor, eu amei!*

P. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)